

## Docência negra e a elaboração de salas de aula contra hegemônicas

*Black teaching and the creation of anti-hegemonic classrooms*  
*La enseñanza negra y la creación de aulas antihegemónicas*

Beatriz Martins Moura<sup>1</sup>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5585-5354>

### Resumo

Esse texto é um ensaio que, pela primeira vez, de maneira mais sistemática, me dedico a pensar elementos que considero importantes no tecer da minha caminhada como docente-educadora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Nesse sentido, meu interesse aqui é chamar a atenção para como, talvez, essa trajetória aponte para o que podemos construir quando encaramos a sala de aula como um espaço de construção coletiva. Nos desafios e nas boas inspirações, entendo que desde aqui temos elementos para refletir sobre quais reelaborações fazemos, tendo nossos corpos e nossas trajetórias como inspirações primeiras e como produtores primeiros de impactos ao entrar nas universidades. Há, ainda, um desejo por entender, a partir de minha própria experiência, como a sala de aula é um espaço fundamental nas atuações de mulheres negras, conforme me sinalizam outras colegas docentes negras e autoras inspiradoras nessa caminhada profissional-intelectual.

Palavras-chave: Docência negra; Salas de aula contra hegemônicas; REUNI, Políticas Afirmativas.

### Abstract

This text is an essay in which, for the first time in a more systematic way, I dedicate myself to thinking about elements that I consider important in the fabric of my trajectory as a profes-

---

1. Beatriz Martins Moura é Antropóloga Amazônida, nascida em Santarém-Pará. Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília- UnB (2021), tem mestrado em Antropologia Social pela UnB (2017) e bacharelado em Antropologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará- UFOPA (2014). Foi professora Voluntária na Universidade de Brasília em 2017 e 2018 e docente substituta na Universidade Federal do Oeste do Pará entre 2019 e 2021. É pesquisadora vinculada ao Núcleo de Pesquisa e Documentação das Expressões Afro-religiosas do Oeste do Pará e Caribe - NPDAFRO/UFOPA e atualmente coordenadora junto ao Projeto Encontro de Saberes, do Instituto Nacional de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa INCTI/UnB. Desenvolve trabalhos desde 2012 no campo dos estudos sobre religiões de matriz africana e comunidades tradicionais de terreiro, com foco em discussão sobre afro-religiosidade na Amazônia e sobre a interlocução terreiro-universidade. No mestrado defendeu dissertação acerca do modo como terreiros de religião de matriz africana se constituem como espaços de articulação de conhecimentos. No doutorado desenvolveu pesquisa sobre a atuação de Mães de Santo na Universidade como docentes através do Projeto Encontro de Saberes. Trabalha com temáticas relacionadas às comunidades tradicionais de terreiro, aos estudos afro-religiosos, afro-religiosidade na Amazônia, relações raciais no Brasil, raça, racismo e desigualdades, interseccionalidade gênero, raça e classe, docentes negras no ensino superior, ensino superior público e antropologia econômica.

-sor-educator at the Federal University of Oeste do Pará. In this sense, my interest here is to draw attention to how this trajectory, perhaps, points to what we can build when we face the classroom as a space for collective construction. As for challenges and good inspirations, I understand that from here we have elements to reflect on which re-elaborations we make, having our bodies and our trajectories as the main inspirations and as the main impact producers when entering universities. There is still a desire to understand, from my own experience, how the classroom is a fundamental space in the actions of black women, as other black teachers and authors who inspire me in this professional-intellectual journey point out to me.

**Keywords:** black education; Classrooms against hegemony; REUNI, Affirmative Policies.

### Resumen

Este texto es un ensayo en el que, por primera vez de forma más sistemática, me dedico a pensar en elementos que considero importantes en el tejido de mi recorrido como docente-educador en la Universidad Federal del Oeste do Pará. En ese sentido, mi interés aquí es llamar la atención sobre cómo esta trayectoria, tal vez, apunta a lo que podemos construir cuando enfrentamos el aula como espacio de construcción colectiva. En cuanto a retos y buenas inspiraciones, entiendo que de aquí tenemos elementos para reflexionar sobre qué reelaboraciones hacemos, teniendo nuestros cuerpos y nuestras trayectorias como inspiraciones primarias y como productores primarios de impactos al ingresar a las universidades. Todavía hay un deseo de comprender, a partir de mi propia experiencia, cómo el aula es un espacio fundamental en el accionar de las mujeres negras, como me señalan otras profesoras y autoras negras que me inspiran en este recorrido profesional-intelectual.

**Palabras-clave:** Enseñanza negra; Aulas contra hegemónicos; REUNI, Políticas Afirmativas.

As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande (LORDE, 2019, p. 135).

A simples chegada deste corpo, mulher negra, na Academia, em si já se constitui mudança, uma certa desarrumação do pedaço, pois a mulher negra é dotada de um corpo falante e, para este corpo, o simples fato de chegar à Academia, já se constitui um ato de rebeldia, pois é um corpo que incomoda, na medida em que mesmo em silêncio, não para de elaborar discursos. É um corpo fora do lugar, que ousa invadir um espaço que historicamente não lhe foi reservado (DEUS, 2021, p. 2).

Este ensaio nasce do desejo de escrever um pouco sobre o que foi minha trajetória como docente substituta na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), entre os anos de 2019 e 2021. Minha história com essa universidade começa em 2011, quando ingressei na primeira turma da recém-criada UFOPA, fruto dos programas de interiorização e de democratização do ensino superior dos governos Lula e Dilma. Fui, juntamente com outros três colegas, a primeira estudante a concluir a graduação em Antropologia e a partir para dar continuidade à formação com o mestrado na Universidade de Brasília (UnB). Embora a universidade para onde fui prosseguir minha formação tenha sido decisiva na construção de quem sou hoje, nunca deixei de reafirmar a UFOPA

como o lugar de onde vim e a importância dessa universidade em minha vida.

O desejo que move essa escrita, portanto, se forja duplamente, na importância que o voltar para a UFOPA como docente teve em minha trajetória e nas dimensões que a sala de aula tomou na minha vida intelectual, acadêmica e profissional, assim como na reflexão sobre os impactos que esses anos tiveram sobre mim e sobre as elaborações em torno das pedagogias que fui empreendendo conjuntamente com estudantes que pude compartilhar essa experiência. Embora minha inserção enquanto docente tenha começado alguns anos antes de assumir a cadeira como professora de Antropologia na UFOPA, foi ali que a docência se tornou um pilar estruturante em minha trajetória. Essa centralidade tem a ver com o lugar de encontros, reencontros, descobertas e aprendizados, que nortearam aqueles dois anos.

Há nesse enredo uma dimensão importante que fui me dando conta no diálogo com outras colegas, docentes negras, com as mulheres de axé, mestras e professoras no Projeto Encontro de Saberes<sup>2</sup>, junto de quem escrevi minha tese (MOURA, 2021) e nas leituras de intelectuais fundamentais em minha formação, como Zélia Amador de Deus, Carla Ramos Munzanzu e Bell Hooks, a saber, o modo como a sala de aula se configura um espaço central de disputa, de elaboração intelectual e de atuação de mulheres negras. A aposta pela docência, a meu ver, tem algumas camadas que cabem ser mencionadas, que, entre outras coisas, se conectam com o investimento que historicamente os movimentos negros e indígenas têm feito, de produzir rupturas nas estruturas

do ensino formal do país, com a percepção de que esse é um espaço de produção de transformações e de reformulação de estruturas de pensamento e de poder. Além disso, esse é também o lugar onde podemos recolocar perspectivas pedagógicas e, assim, forjar caminhos outros, trazendo referenciais e epistemes que escapam da lógica brancocêntrica-masculinista-hétero-cristã (MUNZANZU, 2019; MOURA, 2021).

Nesse sentido, munida que estava dessas reflexões, fui elaborando nas dinâmicas cotidianas em sala de aula, nos programas de curso que construí e nas relações estabelecidas com estudantes, durante esses anos, a reivindicação de uma posição político-acadêmica que pautava o reconhecimento do lugar de importância que mulheres negras têm na produção intelectual nas universidades. A consequência imediata e mais concreta era, assim, trazer para o escopo das bibliografias, autoras e autores negres<sup>3</sup> e indígenas, como base fundamental de formação dessas estudantes. Além disso, inspirada nas elaborações de Bell Hooks (2020), fui me dedicando a fortalecer nossas autoestimas, sinalizando que a sala de aula que compartilhávamos precisava ser, antes de tudo, um lugar de segurança para todes e um espaço onde pudéssemos construir conhecimento de forma coletiva, considerando não apenas aquilo que se tem de referencial teórico, mas, também, e antes de tudo, aquilo que levávamos de nossas comunidades, de nossas casas, nas relações com nossas mães e avós, para a universidade.

Filha de professora, sempre soube que minha mãe e suas irmãs foram incentivadas por minha avó Vitália Martins,

2. Projeto iniciado em 2010 na Universidade de Brasília que tem por objetivo central a inclusão epistêmica dos conhecimentos tradicionais nas universidades brasileiras mediante a entrada de mestras e mestres dos conhecimentos tradicionais nas universidades como docentes. Hoje, o projeto já alcança universidades em território nacional e parcerias com universidades internacionais.

3. A escolha do uso de uma grafia que não especifique gênero é um posicionamento político-intelectual que assumo de escapar dos marcadores masculinistas da produção intelectual e que reverberam nos esquemas linguísticos. Esse posicionamento dialoga diretamente com o que tenho produzido de maneira mais ampla, no sentido de elaborar alternativas contra-coloniais.

mulher negra de Alenquer, interior do estado do Pará, que migrou com a família para Santarém em busca de oportunidades melhores de trabalho e de estudos, a exercerem o magistério como horizonte possível de transformação de suas realidades. Essa ideia também foi plantada em mim por minha mãe, que me fez ver no ensino um caminho para trilhar outros rumos que não fossem necessariamente marcados pela escassez e pelas opressões. Minha atuação docente tinha (e ainda tem) muito do tom e da importância que minha família deu para a educação, do desejo de construir para as estudantes e os estudantes que caminhavam comigo, a percepção de que temos uma ferramenta poderosa em mãos, e nas palavras de Audre Lorde (2019), um arsenal que nos permite implodir e refazer caminhos que nos levem a explorar nossos potenciais, a valorizar nossas trajetórias.

Cada uma dessas dinâmicas foi reflexo do que a experiência de retorno e de reencontro definiram a forma de como eu me penso como docente-educadora. Foi, e ainda é, decisiva na maneira como eu enxergo a necessidade de recolocar nossos referenciais, para que eles reflitam nossas realidades e nos possibilitem pautar questões e reflexões no diálogo desde a Amazônia, lugar desde onde estávamos, as estudantes e eu. Para mim, diante daquelas salas de aula cheias de estudantes indígenas, negres e quilombolas, era fundamental reivindicar a região não apenas como lugar de enunciação, mas como *chão* onde *assentamos* percepções e elaborações intelectuais e de onde nos inspiramos para desenvolver nossas pesquisas. Como pesquisadora-professora negra da Amazônia,

formada pelo REUNI<sup>4</sup>, tal qual aquelas e aqueles estudantes com quem me reencontrava e em quem me via, passei a entender esse como um dos principais legados que a democratização do acesso ao ensino superior nos possibilitou: falar a partir dos nossos centros.

Essa atuação docente, pautada no compromisso com a sala de aula e com as possibilidades de produção de transformações na universidade, veio da inspiração de outras pesquisadoras-professoras-intelectuais negras da região, ou que atuam na região. Antes da minha geração e da geração das que eram minhas estudantes, outras intelectuais negras já estavam abrindo nossos caminhos, pensando desde aqui sobre temas, elegendo eixos de pesquisa e de análise que falassem sobre a realidade de onde viemos e estamos e apontando direcionamentos para a formulação do que na tese chamei de *pedagogias do ebó*. Essa ideia-conceito-fundamento foi elaborada em diálogo com Mãe Dora de Oyá<sup>5</sup>, mestra dos conhecimentos tradicionais e professora no Encontro de Saberes da Universidade de Brasília. O conceito-fundamento nos ajuda a pensar sobre como a atuação docente das mulheres de axé, com quem pude construir a tese, está pautada no entendimento de que as relações docente-estudantes podem e devem estar estruturadas no diálogo, na percepção do outro como um universo único, na valorização mútua e na escuta. Mãe Dora me disse em uma de nossas conversas: “o ebó não é o mesmo para todo mundo”, cada pessoa exige cuidados e um olhar específico, assim também em sala de aula.

Inspirada nas pedagogias do ebó, fui

4. O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais foi criado em 2007 e responsável direto pela ampliação, democratização e interiorização das universidades federais no país. A ampliação de recursos públicos destinados para o ensino superior possibilitou que milhares de jovens pelo país pudessem acessar a universidade. A UFOPA foi resultado do REUNI.

5. Fisioterapeuta de formação, mestra de Saberes Tradicionais pelo INCTI/UnB, membro da Irmandade da Boa Morte, do Recôncavo baiano, conselheira do Mulheres de Axé do Brasil, ativista cultural e sacerdotisa de Candomblé com casa aberta há 16 anos em Brasília.

entendendo que a atuação docente de professoras negras em muitos sentidos estabelece com estudantes mecanismos de repensar a universidade, a educação de maneira mais ampla, a partir da ação cotidiana de desconstruir estereótipos voltados para mulheres negras, de tensionar estruturas interseccionais de opressão e no compromisso assumido com a reelaboração de fundamentações e relações sociais. Como diz uma das epígrafes deste ensaio, extraída de um artigo de Zélia Amador de Deus (2021), a simples presença de mulheres negras nesse espaço acadêmico é por si um elemento provocador de perturbações na ordem sobre a qual se fundou a universidade e a ciência moderna, apartando corpos negros ou os usando como objetos de estudo, nos diferentes campos de saber. Longe de buscar uma homogeneidade em nossas atuações, sinalizo, aqui, no diálogo com as colegas e as referências em minha trajetória, que há algo que tece paralelos entre nossas experiências, a saber, as diversas formas que vamos usando para nos reposicionar nesse espaço e para reajustar essas práticas pedagógicas na relação com estudantes.

Zélia Amador de Deus (2021) fala sobre os impactos produzidos por nossas presenças nesse espaço acadêmico e bell hooks, na mesma linha de pensar como vamos redesenhando o espaço e as conexões, na condição de docentes-educadoras, sinaliza que nossos esforços precisam ir no sentido da criação de uma comunidade em sala de aula. A leitura dessas autoras me fez enxergar que nos movimentos que fui produzindo como professora da UFOPA havia algo de comunidade sendo forjado entre mim e as estudantes, fosse nas identificações mútuas que tínhamos, fosse no desejo e no empenho em fazer aquele projeto docente acontecer. Havia em todes nós uma sede em nos vermos, por exemplo, nas referências dos programas de curso de Antropologia, ou seja,

em poder ler autoras e autores negres, indígenas, quilombolas da região. Éramos conscientes de que, no cenário desigual de distribuição de capital intelectual e de prestígio, essas intelectuais, pouco ou nunca, estiveram no horizonte das leituras daquelas estudantes, assim como não estiveram no meu próprio, durante meus anos de formação. Essa é uma realidade recorrente quando prestamos atenção nos programas de disciplinas que são ministrados nos mais diversos cursos de graduação, no que Sueli Carneiro (2005) chamou de *epistemicídio* e que se agrava quando vamos interseccionando as opressões. Pesquisadoras do/norte do Brasil raramente são elegidas para as bibliografias.

Assim, vendo o desejo das estudantes e tendo eu mesma o compromisso de trabalhar as minhas disciplinas a partir de autoras negras, indígenas e quilombolas, passei a pensar no propósito de mexer, um pouquinho que fosse, nessa estrutura, usando esse lugar tão importante de docente/educadora. Cada um dos programas de curso que ofertei estiveram estruturados por essas autoras, entre Introdução à Antropologia, Teoria Antropológica, Relações Étnico-raciais e Antropologias Contra Hegemônicas, para citar exemplos. Essa última é uma matéria bastante instigante, do curso de Antropologia da UFOPA, que abre a possibilidade de construir um programa que debata a partir de referências e epistemologias fora dos grandes eixos do norte global ou do sul do país.

A proposta desse curso, então, como pensamos coletivamente em sala de aula, foi de que refletindo sobre o lugar onde nos formamos, uma universidade no interior da Amazônia, nós pudéssemos nos conectar de maneira mais direta com a produção de intelectuais da e na região. O legado de pesquisadoras negras que fazem da Amazônia seu *chão* foi o foco da matéria,

pois com elas fomos nos apropriar daquilo que é elaborado enquanto perspectiva teórica e metodológica por nós. Na ruptura de invisibilidades interseccionais<sup>6</sup>, historicamente construídas, trouxemos essas autoras para o nosso horizonte de formação e reivindicamos cada uma delas como nossas referências. Na primeira aula da disciplina Antropologias Contra-Hegemônicas, em maio de 2021, ao provocar a turma a pensar quem são as(os) autoras(es) que são construídos como referenciais teóricos em nossa formação, fui surpreendida por uma estudante que me respondeu: “você, professora”. Aquela resposta, que por sinal me deixou profundamente emocionada, veio ao encontro do que esse semestre de Antropologias Contra-Hegemônicas propôs de debate, que a gente conseguisse se enxergar nas referências que nos são apresentadas na universidade. É olhando para os passos que vem de longe, como já nos ensinou Jurema Werneck, que caminhamos com autoras como Zélia Amador de Deus, Marilu Campelo, Patrícia Melo Sampaio, Carla Ramos Munzanzu, Lucybeth Arruda, e muitas outras. Intelectuais negras que fazem da Amazônia seu lugar.

Na criação da nossa comunidade (HOOKS, 2020), em cada uma das turmas para as quais dei aula, coube, então, uma identificação mútua, um olhar de mim para elas, que me fazia lembrar de mim mesma há anos naquela universidade e delas para mim, percebendo que como eu, elas também poderiam não só se ver no lugar de docentes, mas estar ali no meu lugar em breve. Coube o diálogo e a formação ancorados em outras mulheres negras, que nos deram caminhos para pensar a reelaboração de espaços de produção intelectual que precisamos fazer a

partir de nossos *arsenais* (LORDE, 2019). Na contramão, na contra-hegemonia, fomos reivindicando lugar e refundando caminhos em nossas formações, apontando para outros rumos, que centralizassem não apenas nossas experiências, mas também nossas referências.

Coube, ainda, um processo de busca pela nossa humanização e pela humanização das nossas relações. Esse talvez tenha sido um dos maiores desafios daqueles dois anos, sobretudo pela maneira como, em geral, nos habituamos na universidade a relações marcadas pela desigualdade opressora. Para mim era muito importante, mas ao mesmo tempo complexo, elaborar um lugar em que as estudantes me vissem em posição de respeito, em geral negada a mulheres negras em uma sociedade estruturalmente machista e racista (GONZALEZ, 2018; HOOKS, 2020), sem, contudo, cair na armadilha de ocupar o lugar desumanizante de força absoluta e inabalável, comumente também atribuído a nós. Meu esforço passou a ser de mostrar constantemente para as estudantes que eu era a professora, havia batalhado muito para estar ali e precisava ser respeitada, mas, ao mesmo tempo, convidando para que estivéssemos juntas construindo aquele espaço. Como elas, eu também tinha dúvidas, recalculava rotas, sentia medo, tristeza e cometia equívocos.

O caminho que escolhi e que convidei as estudantes e os estudantes a trilharem comigo foi o da reelaboração, dos espaços, das relações e das pedagogias. Fiz a opção pela *insubmissão*. Conceição Evaristo ganha espaço importante nesse debate para ajudar a pensar os conhecimentos mobilizados em sala de aula por docentes negras de maneira

6. O conceito de *interseccionalidade* aparece pela primeira vez, desta maneira nominado, no trabalho de Kimberle Crenshaw, no entanto, os acúmulos intelectuais que conduziram a esta elaboração podem ser mapeados anteriormente em autoras como Lélia González (2018) e Angela Davis (2016). O conceito discorre sobre a necessidade de compreensão do modo como as estruturas de opressão se combinam e incidem de maneira interseccionada sobre determinados sujeitos, de modo que não é possível compreender essas opressões em separado, senão de modo interligado.

geral, como conhecimentos insubmissos. O conceito de insubmissão, sobre o qual nos ensina a escritora em sua obra, é flecha e caminho para apontar como não nos deixamos capturar pela lógica racista que subjuga mulheres negras. Falar de conhecimentos insubmissos é falar justamente da ruptura de todo um sistema de desigualdades implementado historicamente sobre espaços formais de ensino, como as universidades, e que apartou desses espaços conhecimentos, epistemologias e subjetividades negras e indígenas, ou seja, esses corpos não hegemônicos que representamos.

Aquele grupo de estudantes que caminhou comigo, ao longo de dois anos, me fez lembrar de mim mesma e de meus colegas quando era estudante, na ousadia, na insubmissão que nos mobilizava para disputar aquela universidade, para que ela tivesse a nossa cara. Foram elas e eles que me formaram, também, uma professora atenta e preocupada com cada universo que é um estudante. Tudo aquilo que eu lia nas intelectuais negras que me inspiram encontraram eco nas salas de aula em que estive. A minha experiência como professora me mostrou caminhos de entendimento do poder da educação nas nossas mãos. Enquanto professora, um dos meus maiores objetivos foi, e é, fazer com que as estudantes percebam que podem muito, que sabem muito e que tem poder de transformar as coisas ao seu redor, indo ao encontro do que intelectuais negras, especialmente aquelas que olham para os processos educativos, nos chamam a atenção quando se trata da maneira como formamos pessoas nas universidades.

Assim, pensando como nossas experiências individuais podem ser tomadas para um campo analítico que pensa a coletividade, destaco neste ensaio que, ao olhar para esses dois anos como professora substituta na UFOPA, posso dizer que estive de frente com o potencial transformador que a educação pode ter, por intermédio de políti-

cas públicas. Sendo eu uma estudante que se formou na primeira turma de uma universidade criada pelo REUNI e que depois retornou como docente desse mesmo curso, na lógica da circularidade, própria das matrizes afro-brasileiras, pude, ao me reencontrar com aquela sala de aula, devolver para as estudantes tudo aquilo que eu pude aprender nos meus processos de formação; pude investir na sala de aula como lugar-potência e reivindicar reelaborações pautadas nos caminhos trilhados por aquelas que antes de mim já vinham apontando que a universidade também precisa ser espaço nosso.

## Conclusão

Este ensaio elaborou, a partir de minha trajetória como docente-educadora, algumas reflexões que fui construindo ao longo de meus anos de atuação na Universidade Federal do Oeste do Pará. Inspirada no que estava produzindo na pesquisa de doutorado, junto com duas lideranças religiosas e professoras do Projeto Encontro de Saberes, no que intelectuais negras formulam sobre a docência e no que eu estava vivenciando em sala de aula com as estudantes, dei enfoque aqui para a compreensão do modo como a sala de aula é um lugar que estrutura, para docentes negras, possibilidades de atuação política-intelectual fundamentais na construção de horizontes formativos outros que subvertam estruturas racistas e misóginas. Por isso mesmo o diálogo com Conceição Evaristo e o conceito inspirado em sua obra de *conhecimentos insubmissos* ganha a cena.

A sala de aula foi tomada, aqui, como lugar privilegiado para a reelaboração de relações e de imaginários sociais e o encontro entre estudantes de uma das universidades mais diversas socio-étnico-racialmente do país com uma docente negra formada nesta mesma universidade, foi caminho aberto para forjar outros modos de

ensinar e de aprender Antropologia. Construimos nossa comunidade e mediante ela fomos repensando bases formativas na chave da contra hegemonia, centralizando nossas experiências e vivências e reivindicando referências que dialogassem conosco e com nossas realidades. Os efeitos são vistos na formação dessas estudantes e no modo como se relacionaram com a Antropologia, buscando referências que as inspirem e centralizando as vivências de suas comunidades na produção de seus conhecimentos.

Este trabalho foi um exercício de condensar sentimentos, reflexões e elaborações, que, longe de dar respostas, se soma ao que outras autoras têm trazido para a cena quando o tema é docência negra, negras antropologias, políticas afirmativas e universidade pública brasileira. Todos esses movimentos teóricos, conceituais e etnográficos partiram de uma universidade pública criada com o REUNI, no interior da Amazônia, e talvez aí esteja sua maior potência. Ao construir um caminho narrativo que vai desde a minha própria formação nesta universidade e a posterior atuação como docente-educadora, mostro a potência transformadora que as políticas públicas educacionais representam.

## Referências Bibliográficas

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: USP- FEUSP. 2005.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. 1ª ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

DEUS, Zélia Amador de. 2021. Mulheres Negras e Ciência. Artigo publicado em: <http://www.jornaldaciencia.org.br/edicoes/?url=http://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br/20-mulheres-negras-e-ciencia/>

\_\_\_\_\_. Caminhos trilhados na luta antirracista. 1ª ed., Belo Horizonte. Autêntica, Coleção Cultura Negra e Identidade, 2020.

EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres. Rio de Janeiro: Malê. 2020.

GONZALEZ, Lélia. Primavera para as Rosas Negras. Diáspora Africana: Editora Filhos da África. 2018.

HOOKS, bell. Ensinando Pensamento Crítico: sabedoria prática. São Paulo: Elefante. 2020.

LORDE, Audre. Irmã Outsider: Ensaios e Conferências. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2019.

MOURA, Beatriz Martins. Mulheres de Axé e o Território da Universidade: Encruzilhando Epistemologias e Refundando Pedagogias. 2021. Tese (Doutorado em Antropologia Social). UnB- DAN, 2021

MUNZANZU, Carla Ramos. Notícias sobre um Levante - Black Women Scholars in Brazil: Feitiço, Insubmissão, Etno(Orí)graphy and Critical Intervention in the University. 2019. Tese (Doutorado em Black Studies). University of Texas at Austin, 2019.